

A INVENÇÃO FEMININA DA AGRICULTURA NOS LIVROS DIDÁTICOS¹

Lolita Guimarães Guerra²

Resumo: *A descoberta do tempo profundo no século XIX e a criação do estudo da Pré-História como período de transição entre a animalidade e a humanidade, legaram a ela as origens das instituições e das práticas ditas fundamentais para o estabelecimento e a manutenção da civilização. No bojo do subsequente debate a respeito do controle da natureza pela domesticação animal e vegetal, alguns autores propuseram que a agricultura teria sido inventada por mulheres como consequência de uma divisão sexual do trabalho entre coletoras e caçadores. Este artigo identifica a presença de tal teoria e seus pressupostos nos livros didáticos de História, traça sua genealogia, referências e deficiências, e aponta possíveis interpretações sobre seus sentidos.*

Palavras-chave: *História das Mulheres; Pré-História; Ensino de História.*

THE FEMALE INVENTION OF AGRICULTURE IN HISTORY TEXTBOOKS

Abstract: *The discovery of deep time in the 19th century and the creation of the study of Prehistory as a period of transition between animality and humanity, bequeathed to it the origins of institutions and practices considered fundamental to the establishment and maintenance of civilization. In the midst of the subsequent debate regarding the control of nature through animal and plant domestication, some authors proposed that agriculture had been invented by women as a consequence of a sexual division of labor between female gatherers and male hunters. This paper identifies the presence of such theory and its assumptions in History textbooks, traces its genealogy, references and deficiencies, and points to possible interpretations regarding it.*

Keywords: *Women's History; Prehistory; Teaching of History.*

¹ Recebido em 02 de maio de 2024 e aprovado em 18 de agosto de 2024.

² Professora de História Antiga da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-Uerj), com graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado em História Comparada pela mesma instituição (PPGHC) e doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). ORCID: 0000-0002-2583-9924

Introdução

Disparada pelos trabalhos de Charles Darwin (1859), Charles Lyell (1863) e John Lubbock (1865), a Revolução do Tempo do século XIX abre um vácuo profundo e incomensurável antes ocupado pela cronologia bíblica de uma história de poucos milênios. A Pré-História preencherá esse vazio como uma longa marcha da natureza à cultura e terá um papel central na busca pelas origens das nações e da civilização europeia, empenho naquele momento entrecruzado com tentativas de longa data de estabelecer a história de suas principais instituições (Smail, 2008; Brami, 2019; Lafitau, 1724; Ferguson, 1767; Welcker, 1824; Müller, 1855; Bachofen, 1861; Engels, 1891).

Interessados nas “origens”, os discursos sobre a Pré-História frequentemente referem-se ao gênero. Mas o fazem a partir de leituras simplificadoras dos dados e evocam hipóteses oriundas de uma literatura datada e de pressupostos vulneráveis. Nos livros didáticos de História, a infalseável teoria de que as mulheres inventaram a agricultura vem acompanhada de um modelo rígido e universal de divisão sexual do trabalho entre coletoras e caçadores. Este artigo a posiciona em relação aos seus pressupostos e correntes de transmissão, aponta suas deficiências segundo observações recentes da Arqueologia e indica caminhos para interpretar seus sentidos.

Invenção da agricultura e divisão sexual do trabalho nos livros didáticos

A invenção feminina da agricultura está presente em cinco de dez livros de História do 6º Ano selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2020³. Ela é apresentada num vocabulário especulativo (“acredita-se, “hipótese” etc.), mas isso não ocorre com suas supostas causalidades, como a observação do ciclo de vida dos vegetais e sua

³ O conjunto engloba Vicentino e Vicentino, *Teláris* (Ática); Boulos, *História, Sociedade e Cidadania*; e Seriacopi e Azevedo, *Inspire História* (ambos editados pela FTD); Braick e Barreto, *Estudar História*; Fernandes, *Araribá Mais*; e Campos, Claro e Dolhnikoff, *História: Escola e Democracia* (os três da Moderna); Dias, Grinberg e Pellegrini, *Vontade de Saber* (Quinteto); Vainfas, Ferreira e Calainho, *História.doc*; e Cotrim e Rodrigues, *Historiar* (ambos da Saraiva); Motooka, *Geração Alpha* (SM) – excetua-se apenas Minorelli e Chiba, *Convergências*, da mesma editora.

coleta por mulheres (Braick; Barreto, 2018, p. 44; Fernandes, 2018, p. 41; Motooka, 2018, p. 53). Há também um caso atribuído ao sedentarismo feminino e outro sem explicação (Campos; Claro; Dolhnikoff, 2018, p. 48; Boulos, 2018, p. 44).

Nenhum dos autores informa as origens dessas ideias. Elas são um subproduto de longos debates sobre o papel do trabalho no processo de hominização no Paleolítico, cujas teses principais sobre são reproduzidas na totalidade dos livros: homens caçavam e as mulheres coletavam. Poucos autores usam uma linguagem hipotética ou relativizadora a esse respeito (Campos; Claro; Dolhnikoff, 2018, p. 34; Cotrim, 2018, p. 44; Dias; Grinberg; Pellegrini, 2018, p. 39; Fernandes, 2018, p. 41). A maioria discrimina atividades de ambos os sexos, mas dois mencionam apenas a coleta feminina ou a caça masculina (Fernandes, 2018, p. 41; Boulos, 2018, p. 39, 42). Mulheres caçadoras nunca são citadas, mas a coleta às vezes estende-se aos homens (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2018, p. 30; Vicentino; Vicentino, 2018, p. 34), responsáveis até pela fabricação de utensílios domésticos quando esta é mencionada (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2018, p. 39). Por outro lado, atividades de cuidado, se consideradas, são sempre femininas (Braick; Barreto, 2018, p. 51; Campos; Claro; Dolhnikoff, 2018, p. 34; Cotrim, 2018, p. 41, 44; Dias; Grinberg; Pellegrini, 2018, p. 39, 52; Vainfas; Ferreira; Calainho, 2018, p. 33; Vicentino; Vicentino, 2018, p. 28, 34-35, 47). Assim, se os livros didáticos apresentam as mulheres como possíveis protagonistas na invenção da agricultura, o fazem graças a uma limitação originária quanto às suas funções.

Uma história não tão desconhecida

A teoria sobre a invenção feminina da agricultura faz parte da tese do *Direito Materno* (1861), do suíço Johann Bachofen. A partir dos mitos greco-romanos, interpretados como registros históricos, ele defendeu o parentesco materno como fundamento das primeiras sociedades. Elas teriam passado por diversas fases até transformarem seus princípios jurídicos fundamentais com a adoção do “direito paterno”. A hipótese foi simplificada e seletivamente lida por seus variados receptores ao longo do século XX, que, por vezes, preferiram “patriarcado” e “matriarcado” às categorias originalmente empregues por Bachofen (Engels, 1891; Harrison, 1903; Gimbutas, 1989; Göttner-Abendroth, 2019; Guerra, 2020; 2021b).

A familiaridade do público com o matriarcado pré-histórico majoritariamente se dá pela circulação de suas proposições e temas de forma fragmentada, desarticulada, descontextualizada e sem uma teoria geral que lhes dê sentido e permita sua refutação. Isso ocorre nos livros didáticos aqui examinados. Neles, a invenção da agricultura não é remetida a Bachofen, nem a seus interlocutores ou a alguma disciplina específica. Mas ela compartilha um traço importante com a hipótese matriarcal, da qual deriva: a falta de amparo em evidências arqueológicas, a adoção acrítica de modelos já superados e pressupostos assentados em estereótipos sobre as mulheres (Guerra, 2020, 2021b).

Para Bachofen (1861, p. 92, 106-107, 191), a invenção da agricultura teria sido um salto civilizacional dado por mulheres ao estabelecerem comunidades sem homens, rebelando-se contra um estado primevo de promiscuidade e exploração sexual. Nas décadas seguintes, diferentes autores adotaram as linhas gerais da teoria (Gage, 1883; Harrison, 1903; Kollontai, 1921). Uma obra de grande impacto, mas de adoção bem pontual da ideia, foi *O Ramo de Ouro*, de James Frazer, que a justificava por uma “natural” divisão sexual do trabalho:

[...] parece altamente provável que como consequência de certa divisão natural do trabalho entre os sexos, as mulheres tenham contribuído mais do que os homens para o maior avanço na história econômica, nomeadamente a transição de uma vida nômade para uma vida sedentária, de uma base de subsistência natural para uma base artificial (Frazer, 1912, p. 129).

Na década de 1930, a teoria cruza-se com um longo debate a respeito das origens da domesticação de plantas e animais⁴ na obra de Gordon

⁴ Elas remontam a autores da Antiguidade, como Dicearco de Messina (s. IV-III a.E.C., *Vida da Grécia*, citado em *Da Abstinência* 4.1-2 de Porfírio) e Lucrécio (s. I a.E.C., *Sobre a Natureza das Coisas* 5.14-15, 5.1361-1378, 6.1-6). Na Modernidade, Antoine-Yves Goguet (1758), Edward Gibbon (1776), Darwin (1868), Lewis Henry Morgan (1877) e Edward Tylor (1881) viram a agricultura como fator de separação entre natureza e cultura, de inauguração da História e da Civilização, e de posicionamento das sociedades na narrativa da Evolução. No século XX, esse debate começa a dar lugar a propostas passíveis de serem testadas pela arqueologia, a exemplo das de Gordon Childe e Robert Braidwood (Lovejoy; Boas, 1935; Teggart, 1949; Binford, 1968, p. 319; Meek, 1976; Rindos, 1984, 3-7; Pocock, 2005).

Childe. Em *Man Makes Himself* (1936, p. 71), ele citava as mulheres como as prováveis inventoras da agricultura, enquanto os homens ocupavam-se da caça. Essa possibilidade encontrava-se também na popular *História da Civilização*, de Will Durant. Ele atribuía a domesticação animal à caça masculina e a vegetal à sua coleta pelas mulheres (1935, p. 8, 33). Como em Frazer, a agricultura seria o avanço econômico primordial da História⁵. Já o menos divulgado *História da Antiguidade*, de Vladimir Diakov e Sergei Kovalev, a apresentava dentre outras transformações do Neolítico, mais amplas e lentas, mas mantinha a divisão sexual do trabalho como causa das duas domesticações (s.d.⁶, p. 39, 51).

Mulher coletora, homem caçador

Apesar de bastante difundida, a teoria da invenção feminina da agricultura não pode ser comprovada ou reprovada pela Arqueologia (Ehrenberg, 1989, p. 77-78, 85-87). A cultura material da Pré-História geralmente não evidencia quem a produziu (Patou-Mathis, 2020, p. 17). Ao mesmo tempo, as etapas de observação do ciclo vegetal e a intervenção sobre as espécies, até sua domesticação completa, podem ter sido conduzidas por diferentes sujeitos históricos de cada um dos grupos pré-históricos que se tornaram agricultores. Nada garante (e é bastante improvável) que um mesmo grupo social tenha sido responsável por todas as fases desse processo e em todos os sítios.

A teoria da invenção feminina da agricultura não tem como ser comprovada por dados coletados de sítios neolíticos, mesmo quando, por exemplo, eles mostram mulheres ativas no trabalho com produtos vegetais, ou menos móveis que os homens. Casos assim nos sinalizam apenas padrões de trabalho e de sedentarização – que não devem ser generalizados para todo o Neolítico (Molleson, 1994; Adovasio, Soffer; Page, 2006, 253-254). Eles

⁵ A referência de Durant, no entanto, não era Frazer, mas William Graham Sumner (*The Science of Society*, 1927, p. 132), que, por sua vez, construía seus argumentos a partir da etnografia produzida por de Karl von den Steinen sobre o Xingu, na década de 1880.

⁶ A edição portuguesa não possui data. Há duas francesas, impressas em Moscou: uma da Éditions en langues étrangères (também sem data) e uma da Editions du Progrès (de 1961). Kovalev (o mais velho dos dois autores) faleceu em 1960 e produziu ao longo da vida muitos livros voltados para o Ensino, dentre alguns que cobrem o conteúdo do volume em discussão (1923-1955).

nada informam sobre mulheres restritas à coleta no Paleolítico, nem as confirmam como inventoras da agricultura.

Formas de divisão sexual do trabalho entre caçadores-coletores modernos também não devem ser generalizadas para a Pré-História. Tais sociedades não são fósseis de tempos primitivos, inertes e completamente isoladas umas das outras e de outras com diferentes tecnologias e modos de vida (Patou-Mathis, 2020, p. 14; Ciroteau, Kerner; Pincas, 2021, p. 31; Smail, 2008, 18-19; Trigger, 2004, p. 52-68, 99). Além disso, nelas a distribuição de tarefas é muito variada e nuançada (Ehrenberg, 1989, p. 25, 50-53, 65, 80; Dahlberg, 1981, p. 12). A projeção de uma versão simplificada de seus modos de subsistência na Pré-História, na forma “caçador/coletora”, minimiza a diversidade cultural dos contextos etnografados, tecendo paralelos anacrônicos baseados em traços econômicos e ecológicos, enquanto negligenciam-se os sociopolíticos e culturais (Ehrenberg, 1989, p. 16 *et seq.*). Essa diversidade, quando considerada, na verdade aponta que provavelmente a divisão sexual do trabalho nunca foi absoluta, mas sim de grande variação (Zihlman, 1981, p. 103).

Nas primeiras décadas da Arqueologia, a ubiquidade de artefatos líticos nos níveis mais profundos dos sítios pré-históricos e a crescente presença dos metais nos superiores informavam a leitura do passado (Trigger, 2004, p. 70-84, 92). Ao mesmo tempo, a ideologia de gênero vigente elevava a maternidade e a domesticidade como ideais femininos e amparava a exclusão das mulheres da política e do trabalho produtivo (Patou-Mathis, 2020, p. 13, 73-77; Ciroteau; Kerner; Pincas, 2021, p. 24). A combinação de tais valores e métodos penetrou o século XX, dando sustento ao paradigma do “Homem Caçador” como sujeito da Pré-História. Representações dos “tempos das cavernas” em pinturas para decoração doméstica, ilustrações de livros e dioramas em museus faziam circular um passado em que homens caçavam e mulheres cuidavam dos filhos. Reforçava-se o ideal de família moderna burguesa, de homens provedores e mulheres improdutivas (Fedigan, 1986, 32-33; Wiber, 2009, p. 23-26 Adovasio; Soffer; Page, 2006, p. 27-32; Ciroteau; Kerner; Pincas, 2021, p. 25-26).

Reunidos em 1966 no simpósio *Man, the Hunter*, os antropólogos Sherwood Washburn e Chet Lancaster formularam um paradigma de hominização baseada na caça. A convivência entre homens que negociavam e traçavam estratégias para abater suas presas, o desenvolvimento cognitivo

e tecnológico e a educação do corpo para a caça estariam na base da separação entre o humano e o animal e a criação da civilização (Washburn; Lancaster, 1968; Dahlberg, 1981, p. 1-2). Nesse modelo, as atividades das mulheres (inclusive de coleta) teriam pouco impacto para o avanço da História⁷. Na década seguinte, Sally Linton (1975), Nancy Tanner (1976) e Adrienne Zihlman (1976, 1978, 1981) apresentaram uma contraproposta que lançava mão inclusive de dados sobre a coleta considerados por Richard Lee (1968), um dos organizadores do simpósio de 1966. *Woman, the Gatherer* colocava a maternidade no centro da experiência humana: os avanços cognitivos e sociais determinantes para a hominização adviriam do desenvolvimento de instrumentos de madeira, ossos e pedra por mulheres. Eles permitiriam obter e processar vegetais para alimentar a si e aos filhos, assim como para fabricar cestas e bolsas para carregá-los (Linton, 1975, p. 45-48). Invertia-se o protagonismo: os homens, que raramente proviam alguma coisa por meio da caça imprevisível, dependiam das mulheres para se alimentarem (Ehrenberg, 1989, p. 52-53).

A representação da divisão sexual do trabalho nos livros didáticos desconsidera a correlação (central no campo teórico) entre o trabalho sexualmente dividido e o processo de hominização. Além disso, sobrepõe paradigmas mutuamente excludentes que fazem do trabalho de um dos sexos o vetor de hominização. Essa combinação tem origem (não mencionada) no modelo de partilha do arqueólogo Glynn Isaac (1978, p. 100), que descartava os pressupostos anteriores quanto a um sexo de pouca contribuição evolutiva. Segundo Linda Fedigan (1986, p. 36), neles essa irrelevância demandaria o cotidiano esforço de trabalho responsável pelo aprendizado de homens *ou* de mulheres sobre como ser um *homo sapiens* bem-sucedido. A sobrevivência de um sexo sempre seria consequência dos investimentos do outro. Modelos assim entram em conflito com a razoável posição de que a sobrevivência de um grupo paleolítico dependia do exercício de todos os seus membros em um amplo leque de atividades, e não de uma grande especialização dividida pelos sexos (Sanahuja, 2007, p. 21, 130; Cirotteau; Kerner; Pincas, 2021, p. 116-43).

⁷ A tese da hominização pela caça está presente em Braick (2018, p. 50), pela citação de *A Enxada e a Lança* (1996), de Costa e Silva. A imobilidade feminina é evocada em Campos (2018, p. 34), segundo o qual as mulheres permaneciam no acampamento enquanto os homens buscavam alimento.

Possibilidades mais amplas para as mulheres na Pré-História

Observações etnográficas e primatológicas fortalecem a hipótese de mulheres pescadoras e caçadoras de pequenos animais no Paleolítico (Ehrenberg, 1989, p. 44-45). Além de mais previsível que a grande caça⁸, não há motivos razoáveis para um grupo pré-histórico desprezar a participação de metade de sua população adulta nesse tipo de atividade. Capazes de atuar nas mesmas funções que os homens, caso houvesse impedimentos circunstanciais ou tabus, mulheres poderiam montar armadilhas e abater, carregar e destrichar as presas (Cirotteau; Kerner; Pincas, 2021, p. 140-141). A arqueologia reforça essa possibilidade. Em sítios americanos da passagem do Pleistoceno para o Holoceno, como em Wilamaya Patjxa (Peru, ca. 7.000 A.E.C.), foram encontradas tumbas femininas com pontas de lança (a serem lançadas na caça de grandes presas). Elas estavam acompanhadas de ferramentas compatíveis com atividades pós-abate, como a remoção da carne e preparo de couro. Essa associação evidencia comunidades com perspectivas sobre mulheres e caça como categorias não excludentes. Para Randal Haas e seus colegas, ela também indica uma relevante participação feminina na caça (2020, p. 4-5). Essa possibilidade de compartilhamento de atividades entre homens e mulheres não está restrita aos antigos caçadores-coletores.

Sítios neolíticos de cultura Grossgartach (Alsácia, ca. 4.000 A.E.C.) apresentam pontas de flechas na tumba de pelo menos uma mulher. Ao mesmo tempo, mós, foices e machados estão distribuídos e posicionados em relação com outros objetos, independentemente do sexo dos mortos (Peyre; Wiels, 1997, p. 15-17). Mesmo rara, a caça feminina não é excluída das autorrepresentações (e possivelmente das práticas) dessas comunidades, cujos padrões de trabalho parecem ter sido indiferenciados pelo sexo – inclusive segundo análises osteológicas (Peyre; Wiels, 1997,

⁸ A difusão da pequena caça e a associação entre a de grande porte e estereótipos sobre grupos dominantes são fenômenos de longa duração. É possível observá-lo ao comparar documentos gregos dos séculos IV e V. A ideologia aristocrática explicaria as representações de grandes animais ferozes na cerâmica; o foco na subsistência explicaria a preponderância da pequena caça em textos como *A Caça*, de Xenofonte (Chevitarese, 2002). O ideal clássico parece trazer para o presente seu referencial masculino, apesar de a caça aristocrática moderna incluir mulheres (Patou-Mathis, 2020, p. 60).

p. 15-17). Este último traço debilita as teorias sobre uma divisão sexual do trabalho rígida e ubíqua, e é também observado em Çatal Höyük (Turquia, ca. 7.400-6.000 A.E.C.). Ali, os restos funerários também não apresentam variações relevantes a respeito dos índices de mobilidade e dos tipos de atividades desempenhadas pelos dois sexos (Meskell; Nakamura, 2009, p. 208; Meskell; Pearson, 2013).

Concepções de Pré-História em circulação

Se os dados arqueológicos contestam um padrão rígido e universal de divisão sexual do trabalho, o que explica sua presença nos livros didáticos de História? O insistente e desatualizado embasamento nos debates de especialistas dos anos 1970 e 1980, se comprovado, não deve explicar tudo. Uma possibilidade complementar é a referência a uma literatura mais antiga, como a derivada de Bachofen e de sua tese da invenção feminina da agricultura. Bachofen não foi um autor traduzido no Brasil, apesar de ter sido conhecido aqui por meio do compêndio *História Antiga* (1892), escrito por João Ribeiro, para o Colégio Pedro II. Mas as obras de Frazer, Childe, Durant e Diakov e Kovalev foram⁹. Elas informam imagens sobre a Pré-História e a Antiguidade que circulam até hoje. Investigações futuras sobre a presença dos temas tratados neste artigo em livros didáticos de décadas anteriores permitirão averiguar a plausibilidade desta hipótese. Mas algumas questões de gênero já podem ser identificadas.

Como parte de discursos de protagonismo feminino, a divisão sexual do trabalho e a invenção da agricultura alimentam uma Pré-História cujas funções devemos observar. Ela participa de estratégias do capital secular e religioso, por meio dos grandes conglomerados editoriais. Seus interesses mercadológicos são mediados pelo Estado por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que centraliza os currículos prescritos pelos sistemas de avaliação e pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (Cassiano, 2013; Freitas, 2017; Galzerano, 2021). No ambiente escolar, essas funções combinam-se a muitas outras, como a transmissão de certas compreensões sobre a disciplina ensinada e de valores de grupos dominantes (Choppin, 2004).

⁹ Frazer (1912) em 1982; Childe (1936) em 1966; Durant (1935) em 1942; Diakov e Kovalev (s.d.) em 1965.

Dentre as compreensões sobre a História, os livros didáticos aqui analisados formam estudantes e professores pondo em circulação concepções de História Antiga, de Pré-História e de História das Mulheres¹⁰. Uma delas é a da História dos passados distantes como História “das origens” e do “tornar-se humano” (Liverani, 1988, p. 27-30; Renfrew, 2007, p. ix). Nos livros didáticos, ela caracteriza-se pela simplificação e descontextualização de nosso conhecimento sobre as instituições do passado (Silva; Gonçalves, 2001) e, acrescentamos, pelo ocultamento de como o conhecimento histórico é construído. Nesse sentido, a narrativa das origens do gênero poderá ser instrumentalizada de acordo com os interesses de quem a articula. Por vezes, elas indiretamente justificam as desigualdades de um presente cujas contradições, projetadas no passado, ganham o suporte de supostas estruturas mentais “naturais” herdadas de nossos antepassados (Sanahuja, 2007, p. 11).

Em suas representações da divisão sexual do trabalho e da invenção feminina da agricultura, os livros legitimam o gênero como sistema de desigualdades e suas significações, que reificam modelos idealizados de comportamento para homens e mulheres (Guerra, 2021a). Por isso, os conteúdos aqui discutidos não são meras projeções teóricas de modelos neutros sobre a Pré-História e sua cultura material. Como a compreendemos, a divisão sexual do trabalho decorre das relações específicas entre homens e mulheres, frequentemente tensas, de poder e dominação, no presente e na História. Ela prioritariamente destinaria as mulheres à esfera reprodutiva e os homens à produtiva, organizada por princípios de separação (uma esfera masculina, e outra feminina do trabalho) e hierarquização (as funções masculinas têm alto valor social agregado, em comparação às das mulheres) (Kergoat, 2004, p. 67, 71). Mas antes de aplicar essa noção à Pré-História, é preciso considerar as lentas e nada uniformes transformações em seus modos de produção e, em menor escala, a diversidade de cada sítio e suas histórias. Em alguns deles, ela precisará ser nuançada e, quem sabe, redefinida. Não esqueçamos que as imagens construídas nesse sentido sempre refletem nosso entendimento e nossos programas de ação quanto ao gênero no presente.

¹⁰ Ver: Freitas (2019) e Barnabé (2014).

Conclusão: uma narrativa com funções terapêuticas?

O manual do professor de Boulos (2018, p. 44) assim justifica a invenção feminina da agricultura como conteúdo pedagógico:

[...] durante muito tempo, a prática de uma história machista e eurocêntrica omitiu a participação das mulheres no processo histórico. Nas últimas décadas, com a incorporação de novas abordagens e novos objetos, a História passou a dar visibilidade ao protagonismo feminino.

Como demonstramos neste trabalho, Boulos está equivocado. O “protagonismo feminino” na invenção da agricultura não vem de uma historiografia das “últimas décadas”. O autor parece tentar responder ao chamado de Joan Scott (1995, p. 73-74) para uma redefinição dos parâmetros da disciplina que, segundo ela, tendia a confinar as mulheres às esferas do sexo e da família e a separá-las da política e da economia. Ora, os livros didáticos aqui examinados justamente comunicam um protagonismo feminino na esfera do trabalho, mas o fazem por meio de teorias, em circulação desde o século XIX, que projetam no passado idealizações do presente que reforçam o gênero. Como vimos, elas não são referenciadas na realidade material da Pré-História, mas em modelos teóricos contestados.

Não sabemos se todos os autores dos livros adeptos da teoria compartilham dessa interpretação de que ela ajude a retirar da invisibilidade uma “história oculta” das mulheres, omitida por falhas morais e epistemológicas de uma velha historiografia. Não descartemos esta possibilidade. Seus manuais do professor destacam a necessidade de valorizar o protagonismo feminino no ensino e citam trabalhos teóricos (dentre eles, o da própria Joan Scott) que afirmam o caráter recente da inclusão de mulheres como sujeitos da História (Braick, 2018, p. xiv; Campos; Claro; Dolhnikoff, 2018, p. 52; Fernandes, 2018, p. xvi; Motooka, 2018, p. lvii, xii-xiii, 18, 25).

A apresentação das mulheres como sujeitos da invenção da agricultura nos livros didáticos talvez resulte do debate entre grupos de interesses distintos, como educadores, movimentos sociais e especialistas. Norberto Guarinello (2014, p. 9-10 e 167) afirma que assim se produz nossa atual História oficial. O diálogo entre as muitas partes constitui uma memória da sociedade sobre si mesma tanto com o potencial de enriquecer-se pelos trabalhos da ciência quanto de produzir-se à sua revelia. Aviezer Tucker

chama a atenção para isso ao tratar de revisionismos. Nossas considerações finais pensam o problema aqui discutido a partir dos parâmetros estabelecidos por ele.

A teoria da invenção feminina da agricultura e o modelo de divisão sexual do trabalho em sua base constituem uma Pré-História que parece ter, dentre outras, uma função terapêutica. Ela pretende satisfazer supostas necessidades de afirmação de identidade e autoestima de um grupo (as mulheres), lido como razoavelmente coeso quanto à sua posição social desvantajosa no presente (Tucker, 2018, p. 6-7). Ela também se diferencia de uma História interessada na construção de um conhecimento passível de estabelecer certos consensos fundamentais sobre o passado, a serem compartilhados por especialistas de orientações e interesses distintos (sobre a diversidade dos contextos pré-históricos, ou sobre até onde podemos ir com a leitura da Antropologia e da Arqueologia, por exemplo) (Tucker, 2018, p. 4). Assim, esse caso injustificável nos termos da ciência histórica parece uma consequência não intencional do objetivo justificado de dar visibilidade para as mulheres na História. Busca-se atingir essa meta pela subordinação dos princípios da nossa disciplina à função de confortar (as mulheres) e curar injustiças crônicas (uma História sem mulheres, ou que as confinava à esfera reprodutiva) (Tucker, 2018, p. 5-6). Acrescentamos que são desconsiderados princípios historiográficos de oferecer descrições precisas sobre as evidências (como sobre o trabalho em diferentes sítios pré-históricos) e de apresentar relações causais e panoramas históricos plausíveis (evitando generalizações insustentáveis). Em seu lugar, observamos uma transformação histórica não apenas de causa e agência únicas e indemonstráveis, mas também dependente de um modelo teórico disfuncional.

Documentação escrita

LUCRÉCIO. *Sobre a Natureza das Coisas*. São Paulo: Autêntica, 2021.

PORFIRIO. *Sobre la Abstinencia*. Madrid: Gredos, 1984.

Referências bibliográficas

ADOVASIO, Jim; SOFFER, Olga. *O Sexo Invisível*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BACHOFEN, Johann. Mother Right (1861). In: *Myth, religion and mother right*. New Jersey: Bollingen, 1967, p. 69-207.

- BARNABÉ, Luis Ernesto. De olho no presente: História Antiga e Livros Didáticos no século XXI. *OP SIS*, Catalão, v. 14, n. 2, p. 114-132, 2014.
- BINFORD, Lewis. Post-Pleistocene adaptations. In: BINFORD, Sally; BINFORD, Lewis (orgs.). *New Perspectives in Archaeology*. Chicago: Aldine, 1968, p. 313-341.
- BOULOS, Alfredo. *História, Sociedade e Cidadania*. São Paulo: FTD, 2018.
- BRAICK, Patrícia; BARRETO, Anna. *Estudar História*. São Paulo: Moderna, 2018.
- BRAIDWOOD, Robert. The agricultural revolution. *Scientific American*, v. 203, p. 130-41, 1960.
- BRAMI, Maxime. The Invention of Prehistory and the Rediscovery of Europe. Exploring the Intellectual Roots of Gordon Childe's "Neolithic Revolution" (1936). *Journal of World Prehistory*, v. 32, p. 311-351, 2019.
- CAMPOS, Flavio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. *História: escola e democracia*. São Paulo: Moderna, 2018.
- CASSIANO, Célia. *O mercado do Livro didático no Brasil do século XXI*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- CHEVITARESE, André. A caça na *pólis* ateniense nos períodos arcaico e clássico. *Phoînix*, n. 8, p. 24-48, 2002.
- CHILDE, Vere Gordon. *Man Makes Himself*. London: Watts & Co., 1936.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 30, p. 549-566, 2004.
- CIROTTEAU, Thomas; KERNER, Jennifer; PINCAS, Éric. *Lady Sapiens*. London: Hero, 2022. [2021]
- COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Historiar*. São Paulo: Saraiva, 2018.
- DAHLBERG, Frances (ed.). *Woman the Gatherer*. New Haven: Yale, 1981.
- DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. São Paulo: Ubu, 2018. [1859]
- DIAKOV, Vladimir; KOVALEV, Sergei. *História da Antiguidade*. Lisboa: Estampa, s.d.
- DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco. *Vontade de Saber: História*. São Paulo: Quinteto, 2018.
- DURANT, Will. *Story of civilization, I: Our oriental heritage*. New York: Simon and Schuster, 1935.
- EHRENBERG, Margaret. *Women in Prehistory*. London: British Museum,

1989.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019. [1891]

FEDIGAN, Linda. The changing roles of women in models of human evolution. *Annual Review of Anthropology*, v. 15, pp. 25-66, 1986.

FERGUSON, Adam. *An Essay on the History of Civil Society*. Edinburgh: Edinburg UP, 1966. [1767]

FERNANDES, Ana Claudia (Ed.). *Araribá mais: história*. São Paulo: Moderna, 2018. FRAZER, James George. *The Golden Bough*. Part 5, v. 1. 3. ed. London: MacMillan, 1912.

FREITAS, Itamar. Livro Didático. In: FERREIRA, Marieta; OLIVEIRA, Margarida (coords.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p. 143-148.

FREITAS, Luiz Carlos de. BNCC: os primeiros impactos nos materiais didáticos. In: *Avaliação Educacional*, 14 jun. 2017. Disponível em <https://avaliacaoeducacional.com/2017/06/14/bncc-primeiros-impactos-nos-materiais-didaticos>. Acesso em: 6 ago. 2021.

GAGE, Matilda Joslyn. Woman as an Inventor. *The North American Review*, v. 136, n. 318, p. 478-489, 1883.

GALZERANO, Luciana. A educação vai ao mercado financeiro: Somos Educação em debate. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, v. 21, p. 1-21, 2021.

GIMBUTAS, Marija. *The Language of the Goddess*. San Francisco: Harper & Row, 1989.

GÖTTNER-ABENDROTH, Heide. *Matriarchal societies of the past and the rise of patriarchy*. NY: Peter Lang, 2023. [2019]

GUERRA, Lolita. Há lugar na História para uma Era Matriarcal? *Anais da Semana de História – UENP*, Jacarezinho, 2020, p. 8-29.

_____. Mulheres na Pré-História dos Livros Didáticos. *Simpósio Nacional de História*, ANPUH-Brasil, São Paulo, 2021a, p. 1-16.

_____. Pequeno histórico do ‘matriarcado’ como hipótese para a interpretação da Pré-História. *Mare Nostrum*, v. 13, n. 01, p. 1-25, 2021b.

HAAS, Randall et al. Female hunters of the early Americas. *Science Advances*, v. 6, p. 1-10, 2020.

HARRISON, Jane Ellen. *Prolegomena to the study of Greek Religion*.

Cambridge: Cambridge UP, 1903.

ISAAC, Glynn. The Food-sharing Behavior of Protohuman Hominids. *Scientific American*, v. 238, n. 4, p. 90-109, 1978.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena *et al.* (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, pp. 67-75. [2004]

KOLLONTAI, Alexandra. *Catorce Conferencias en la Universidad Sverdlov de Leningrado*. Ituzaingó: Cienflores, 2018. [1921]

KOVALEV, Sergei; DIAKOV, Vladimir. *História da Antiguidade: A Sociedade Primitiva – O Oriente*. Lisboa: Estampa, s/d.

LAFITAU, Joseph-François. *Les Moeurs des sauvages américains comparées aux mœurs des premiers temps*. Paris: Saugrain, 1724.

LEE, Richard; DEVORE, Irvén. *Man the hunter*. New York: Aldine, 1968.

LINTON, Sally. Woman the Gatherer (1971). In: REITER, Rayna (ed.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975, p. 36-50.

LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente*. São Paulo: Edusp, 2016.

LOVEJOY, Arthur; BOAS, George. *Primitivism and related ideas in Antiquity*. New York: Octagon Books, 1965. [1935]

LOVEJOY, Owen. The origin of Man. *Science*, v. 211, n. 4480, 1981.

LUBBOCK, John. *Prehistoric Times*. London: William & Norgate, 1865.

LYELL, Charles. *The Geological Evidences of the Antiquity of Man*. London: John Murray, 1863.

MEEK, Ronald. *Social Science and the Ignoble Savage*. Cambridge: Cambridge UP, 1976.

MESKELL, Lynn; NAKAMURA, Carolyn. Articulate bodies: forms and figures at Çatalhöyük. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 16, 2009.

MESKELL, Lynn; PEARSON, Jessica. Isotopes and Images: Fleshing out Bodies at Çatalhöyük. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 20, n. 3, 2013.

MOLLESON, Theya. The Eloquent Bones of Abu Hureyra. *Scientific American*, v. 271, n. 2, p. 70-75, 1994.

MOTOOKA, Débora Yumi. *Geração Alpha. História*. São Paulo: SM, 2018.

MÜLLER, Johannes. *Geschichte der amerikanischen Urreligionen*. Basel: Wieland, 1855.

PATOU-MATHIS, Marylène. *O homem pré-histórico também é mulher*. Rio de

- Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022. [2020]
- PEYRE, Evelyne; WIELS, Joëlle. Le sexe biologique et sa relation au sexe social. *Les Temps Modernes*, n. 593, p. 1-21, 1997.
- POCOCK, John. *Barbarism and Religion. V. IV: Barbarians, Savages and Empires*. Cambridge: Cambridge UP, 2005.
- RENFREW, Colin. *Prehistory: The Making of the Human Mind*. New York: The Modern Library, 2007.
- RIBEIRO, João. *História Antiga I: Oriente e Grécia*. Rio de Janeiro: Alves e Cia., 1984. RINDOS, David. *The Origins of Agriculture: An evolutionary perspective*. San Diego: Academic Press, 1984.
- SANAHUJA, Encarna. *La cotidianeidad en la prehistoria*. Barcelona: Icaria, 2007.
- SCOTT, Joan. Gênero. Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Sociedade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. [1988]
- SERIACOPI, Reinaldo; AZEVEDO, Gislane. *Inspire História*. São Paulo: FTD, 2018.
- SMAIL, Daniel Lord. *On deep history and the brain*. Berkeley: University of California Press, 2008.
- SILVA, Gilvan; GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Algumas reflexões sobre os conteúdos de História Antiga nos livros didáticos brasileiros. *História & Ensino*, Londrina, v. 7, p. 123-142, 2001.
- SUMNER, William Graham. *The Science of Society*. New Haven: Yale UP, 1927.
- TANNER, Nancy; ZIHLMAN, Adrienne. Women in evolution. Part I: Innovation and selection in human origins. *Signs*, v. 1, p. 585-608, 1976.
- TEGGART, Frederick. *The Idea of Progress*. Berkeley: University of California, 1949.
- TRIGGER, Bruce. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004. [1989]
- TUCKER, Aviezer. Historiographic Revision and Revisionism. In: KOPEČEK, Michal (ed.). *Past in the Making. Historical Revisionism in Central Europe after 1989*. Budapest: Central European UP, 2008, p. 1-15.
- VAINFAS, Ronaldo; FERREIRA, Jorge; FARIA, Sheila; CALAINHO, Daniela. *História.doc*. São Paulo: Saraiva, 2018.
- VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. *Teláris*. São Paulo: Ática, 2018.

WASHBURN, Sherwood; LANCASTER, Chet; The evolution of hunting. In: LEE, Richard; DEVORE, Irene (eds.). *Man the hunter*. New York: Aldine, 1968, p. 293-303.

WELCKER, Friedrich Gottlieb. *Die Aeschylische Trilogie Prometheus und die Kabirenweihe zu Lemnos*. Darmstadt: Leske, 1824, p. 585-602.

WIBER, Melanie. *Erect men/undulating women: the visual imagery of gender, "race" and progress in reconstructive illustrations of human evolution*. Waterloo: Wilfrid Laurier UP, 1997.

ZIHLMAN, Adrienne. Women in evolution. Part II: Subsistence and social organization among early hominids. *Signs*, v. 4, p. 4-20, 1978.

_____. Women as shapers of human adaptation. In: DAHLBERG, Frances (ed.). *Woman the Gatherer*. New Haven: Yale, 1981, p. 75-120.